

A SUBJETIVIDADE FEMININA EM QUESTÃO: UM EU, DUAS SUBJETIVIDADES, UMAS MEMÓRIAS E VÁRIAS HISTÓRIAS

Arlinda Santana Santos¹

Orientador: Prof. Dr. Roberto Seidel

Resumo: Neste trabalho, a intenção é fazer uma (re) apresentação do projeto de pesquisa, sua metodologia e fundamentos. Far-se-á também, uma reflexão sobre as inquietações da pesquisadora frente seu objeto de pesquisa, bem como, dos rumos que esta vem trilhando até o presente momento. Para tanto, serão apresentadas algumas mudanças ocorridas no projeto inicial e um esboço de sumário da dissertação que deverá ser apresentada oportunamente. Com isso, acredita-se que ficarão claros não somente o empenho na realização da pesquisa, mas também os avanços que vem ocorrendo desde o seu início.

Palavras-chave: Mulher. Escrita. Memórias.

INTRODUÇÃO

Relendo o projeto de pesquisa apresentado neste Mestrado em Crítica Cultural intitulado *Memórias e outras histórias: a escrita de memórias em Zélia Gattai*, vejo-me disposta a pensar a mulher, figurada e representada como escritora de memórias. Falo isso em terceira pessoa. Tento impor, e nas entrelinhas leio minha insegurança, um rigor técnico-metodológico para analisar um outro/sujeito que não está assim tão distante do meu eu/sujeito.

Quero entender, e saber, quem é essa mulher, porque escreve, como escreve... Tentarei ao longo da minha pesquisa vislumbrar em suas escritas algo (partindo de devaneios filosóficos, antropológicos, críticos, linguísticos) que certamente nem a autora vislumbrou ao escrever. Mas eu sei o que falo, o que escrevo, de onde escrevo, porque escrevo? Eu sei quem sou eu?

Estou tentada, o que é até contraditório nesse momento de minha vida, quando me vejo aprovada na seleção para mestranda em Crítica Cultural e já cursando as disciplinas obrigatórias, a “desconfiar” da certeza que o lugar de fala do intelectual passa. Mesmo sentada em cadeira macia e acolchoada, sinto um desconforto nesse lugar de fala. Sinto seus espinhos.

Tenho certeza sobre mim para falar de um outro? Ou talvez, num processo de racionalização, tentarei entender esse outro, buscando nele respostas para o que não sei de mim? Por que pesquisar mulheres? Por que esse tema? Por que memórias e não outras histórias? E por que crítica literária? E por que crítica cultural?

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural. E-mail: arlindas10@yahoo.com.br.

Busco o subliminar, a intencionalidade, o interesse, a hora do bote... Insisto em “lançar um olhar crítico” sobre a mulher, suas relações sociais, sobre suas técnicas de sobrevivência, de manutenção de sua identidade e até mesmo de sua integridade no caos social. E agora, me atiro (no abismo e de olhos abertos) sobre o seu papel de escritora. Eu escrevo. A mulher escreve e com sua escrita marcam-se páginas, imprime-se um tom, faz-se sujeito atuante de uma história e de sua própria história.

Ao pretender um entendimento acerca da escrita feminina, preciso compreender a minha escrita também como uma escrita feminina, já que não posso esquecer-me do meu lugar de pesquisadora e sujeito situado. Ao escrever, minha escrita de pesquisadora, de mestrandia em crítica cultural, que busca um lugar no campo da crítica literária, tenho consciência de que escrevo enquanto mulher. Minha escrita é de mulher, é feminina.

E como lembra Lúcia Castello Branco,

[...] a categorização de uma modalidade de escrita como feminina é incômoda não só para aqueles que se dedicam a essa questão, como também para as próprias mulheres, especialmente para algumas daquelas que acabam por ocupar esse lugar.

[...]. Esse incômodo, que às vezes nos põe a falar desenfreadamente, tagareladamente, ou que às vezes nos sufoca a voz como um amargo travo na garganta [...] (1991, p. 16-17).

Senti esse incômodo ao voltar-me sobre meu projeto após o processo de seleção. Ao constatar que o meu tagarelar/escrita ainda não conseguia traduzir minha intenção. Ao tentar manter-me na posição de crítica de meu próprio texto, incomodo-me. Via e lia uma vontade seca e objetiva de lançar-se sobre o objeto de estudo.

Passado um choque inicial, uma vontade de mudar o foco, de incluir novos dados, ou até mesmo de mudar meu tema, consegui perceber que aquilo que me inquieta, fascina é a escrita de mulheres, é a escrita de memórias. Sendo assim, sei que nos próximos dois anos, preciso amadurecer conceitos, aumentar meu referencial teórico, rever pesquisas, entender conceitos que surgem nas leituras que estão sendo feitas.

Neste processo de revisão de meu projeto, acabei por modificar sutilmente o título que de Memórias e outras histórias: a escrita de memórias em Zélia Gattai passou a Memórias e outras histórias: a escrita feminina de memórias em Zélia Gattai. Acredito que tal acréscimo se faz pertinente, pois, tanto em minhas leituras, quanto na produção escrita, a discussão acerca da escrita feminina está presente. Neste momento, encontro-me com o projeto de pesquisa quase que totalmente refeito, a partir das sugestões e observações realizadas por meu orientador, professor Roberto Seidel.

De um modo geral, as modificações ocorreram quando aos objetivos. Inicialmente, uma das pretensões era analisar a escrita de memórias e sua relação com o estabelecimento do cânone, que foi abandonada, pois a intenção, como me foi questionado no momento da entrevista de seleção, não é a busca de um lugar de cânone para Gattai e sua escrita de memórias. Quer-se a potencialização da sua escrita, como lugar de voz para o sujeito feminino. Parte-se do princípio que essa escrita é ativação da singularização do sujeito, de liberdade de ser e construir a si mesma através da escrita. Se continuasse insistindo nessa busca do cânone criaria um lugar de subjetivação reativa para a mulher que escreve, contrariando assim, a proposta desta pesquisa.

Diante disso, os objetivos passaram a ser: Situar a autora no contexto sociocultural e observar a influência deste em sua escrita, bem como o tratamento que lhe é dado no meio acadêmico; trabalhar a noção de escrita feminina de memórias como lugar de expressão do sujeito feminino e como um lugar de construção de sua subjetividade e discutir e problematizar a escrita biográfica como uma possibilidade de escrita/invenção de si.

Outra modificação realizada, foi no tocante à inclusão dos conceitos de autobiografia, biografia e escrita de si. Para tanto, parto do conceito de escrita de si presente na obra “A morte do Autor” de Michel Foucault (1992), bem como, de um referencial teórico que se encontra em construção neste momento. Quanto a este referencial teórico, o mesmo vem sofrendo acréscimos feitos a partir de leituras realizadas nas disciplinas, sugestões de professores, do orientador e de levantamento feitos por mim, no intuito de complementar lacunas, esclarecer pensamentos e embasar o trabalho que vem sendo realizado.

Tais acréscimos se fazem de extrema importância para a consistência que pretendo dar a minha pesquisa. Neste ponto, destaco as leituras de *Micropolítica: Cartografias do Desejo* (GUATARRI, ROLNIK, 1996); *Um teto todo seu* (WOOLF, s/d); *O que é a escrita feminina* (BRANCO, 1991), *O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha – Homo sacer* (AGAMBEN, 2008), dentre outros.

Ao ler Agamben em “O que resta de Aschwitz” (2008), um dos maiores impactos que tive sobre o autor foi a sua capacidade de aliar criticidade, análise filosófica e poesia. Sua escrita crítica e racional sobre os horrores do campo de concentração soa como poesia, permite-nos ver a história de milhares de judeus sob a ótica da poesia.

Todavia, dizendo disso não aproximo a escrita de Agamben (2008) da escrita feminina. Uso-o como exemplo para afirmar a necessidade de aproximar a minha escrita de pesquisadora mestrandia, que se pede técnica e objetiva, da escrita poética. Tarefa árdua, mas que neste momento vejo

necessária, pois talvez, só assim, consiga expor claramente a visão que tenho, mas que ainda não sei expressar em palavras, da escrita feminina em sua vertente memorialística.

Ao compartilhar uma análise crítica da escrita feminina, pretendo entender cientificamente o processo da escrita de memórias, estudar, ler, embasar-me em inúmeros(as) pesquisadores(as) de gênero, literatura, filosofia. Mas não desejo esquecer a poesia que ecoa nessas escritas. Não almejo, com um discurso científico, matar o que vejo de mais belo, e que me convidou a estudar literatura, estudar a obra de Zélia Gattai.

Com isso, aspiro fugir da análise literária formalista, fechada, compromissada com uma objetividade e criticidade que certamente acabam por matar o que a literatura tem de mais belo: a fluidez das palavras, suas construções imagéticas, a capacidade de transporta-nos para a narrativa. A intenção é aliar criticidade com poesia. Sei que é muito. Acho que conseguirei.

Ao lembrar e ao narrar suas memórias, as mulheres rompem com o silêncio ao qual, aparentemente, estariam fadadas. Ao publicar sua escrita foge das gavetas, ganha asas. Liberta-se.

Por isso, afirmo que a escrita faz-se lugar de liberdade para o sujeito. Liberdade para falar, para contar o vivido, ou até mesmo o não vivido, inventar fatos, histórias, novos finais, uma nova cronologia. O ato de lembrar, rememorar um passado vivido, faz-se livre na escrita de memórias. Não se pretende um compromisso com a ordem dos fatos, com a verdade. A memória trazida na escrita memorialística “tende mais para o futuro que para o passado, mais para o esquecimento que para a lembrança, mais para a inversão, a criação, que para o resgate da vivência original” (BRANCO, 1991, p. 31).

O compromisso é com o falar, com o rememorar “tagarelamente” como numa conversa ao final da tarde. E assim a conversa/escrita flui, quem sabe como flui o contar segredos: num sussurro, com certa timidez ou medo de os verem revelados.

Mas é neste ponto, que talvez a escrita de memórias supere o caderno-goiabada (que está quase sempre sob a ameaça do esquecimento no fundo de uma gaveta, até ser “descoberto” por alguém), pois a autora rompe com o medo de ver desvelarem-se seus segredos e torna pública sua história.

Fico agora pensando o que diria minha mãe, se fosse viva, ao ler estas páginas – ela nos deixou há dez anos e papai há quarenta. Certamente, balançando a cabeça, num suspiro, exclamaria: “*Maria Vergine!* Que menina atrevida! O que é que vão dizer?” (grifos da autora) (GATTAI, 2009, p. 318).

E assim, contrariando o que se espera de uma moça bem comportada, Gattai publica suas memórias/confissões. Conta-nos sua infância, aventuras, amores, dissabores, e também omite aquilo

que talvez ainda não esteja totalmente resolvido dentro de si². Contando suas memórias, publicando seu cotidiano, torna público o privado, extrapola os limites do lar, da alcunha de *dona de casa*, do destino que poderiam ter traçado para e por ela. Fazendo-se responsável pela construção do seu destino, torna-se escritora.

Sua obra, pautada num tom confessional, permite-nos constatar que realmente:

[...] a narrativa literária da *escrita feminina* é construída a partir de uma voz em primeira pessoa, momento em que o sujeito autoral e o sujeito textual tornam-se um, no amálgama, muitas vezes, para surtir um mesmo efeito [...]. Todos que leram obras de autoria feminina, com raras exceções, devem ter percebido essa marca pessoal, quase literal, na construção do processo de narratividade. (grifos do autor) (SILVA, 2011, p. 242).

Ao lermos seus livros, vemos que sua escrita em primeira pessoa tem o tom de uma conversa informal: “Conversa puxa conversa, de repente me encontrei com quase 300 páginas escritas à máquina” (GATTAI, 1993, p. 9). A escrita de Zélia Gattai tem mais um compromisso com o falar, com o testemunhar o visto e vivido.

Suas memórias mostram que o simples pode ser inefável, que há “profundidade” no raso rio do cotidiano. Faz-nos perceber que os espaços de circulação da mulher são infinitos, que a liberdade é para ela algo palpável.

O contexto pós-moderno permite-nos falar em identidades múltiplas e fragmentárias. Sabemos da impossibilidade de se pensar UMA mulher, ou A MULHER, excluindo as particularidades dos sujeitos que se agrupam sob esse conceito. Tal contexto, convidando-nos a ver MULHERES (brancas, negras, lésbicas, trabalhadoras, nordestinas, pobres, de classe média, mães, professoras) e por isso, podemos ver em Gattai não uma, mas inúmeras Zélias³. Zélias que surgem aos nossos olhos assumindo papéis sociais, lutando contra valores impostos, contra ideais reacionários, questionando seus próprios valores revolucionários.

E cada uma delas aparece em suas obras. Cada livro tem uma nuance, tem uma Zélia, um fio condutor que nos leva em sua teia narrativa. A imagem de teia, enquanto algo que prende, é facilmente aplicável aos leitores dessa autora. Ao ler suas obras, sentimo-nos presos na história, sentimo-nos parte das aventuras narradas. Sentimos.

² Como ocorre em relação ao fim de seu primeiro casamento e da sua relação com seu filho fruto dessa relação.

³ Percebemos assim, que as múltiplas Zélias que passeiam pela narrativa memorialística constituem-se como espécies de personagens dentro de uma só personagem. A escritora Zélia Gattai transporta-nos para um mundo ficcional a partir da narração de sua história real.

A intenção é trabalhar com as obras *Anarquistas, graças a Deus* (2009), *Um chapéu para viagem* (1993), *Jardim de Inverno* (1989) e *Senhora dona do baile* (1984) de Zélia Gattai. Mesmo aparentando ser um grande número, acredita-se que eles se completam e interligam, contribuindo assim, para o embasamento da pesquisa.

Fazendo esse levantamento prévio, tentei ler, com olhos críticos, sua obra. Intencionei vislumbrar marcas da escrita feminina, do seu sujeito e subjetividade. Mas ao mesmo tempo em que a criticidade tentava se fazer presente, confesso que não pude deixar de me encantar com a mulher apresentada e desvelada desde a infância, atrevida e segura de si. Essa mulher forte e destemida, consciente de suas vontades e desejos, contrastava em muito com a opinião criada por mim, de certa forma influenciada pela imagem difundida pela mídia. Tanta força não “combinava” com aquela senhorinha que dava entrevistas ao programa “Sem Censura” da TV Cultura de Leda Nagle⁴. Uma conversa fácil, um sorriso ameno, uma voz mansa escondiam uma guerreira dona e senhora (do baile) e de si.

E hoje, consciente deste meu lugar de pesquisadora sujeito/situado vejo que meu olhar não está isento de preconceitos, que crio sim “imagens cristalizadas”, que assimilo para mim verdades veiculadas. Percebo que meu olhar lançado sobre o outro tem comprometimentos ideológicos e de valores que criei para mim e que exijo estarem presentes também nele, ou mais especificamente, nela, nessa mulher a quem olho como um outro, distinto e “exótico”.

Ao ler “Um teto todo seu”, onde Virgínia Woolf (s/d) apresenta-nos sua tese sobre a importância de “um teto todo seu” para a mulher firmar-se como escritora, ou quem sabe ainda, para a mulher firmar-se enquanto sujeito autônomo e independente; fica difícil compreender a opção de uma mulher por não querer um teto SEU, mas criar um teto NOSSO, unindo-se a um homem e vivendo com ele a tão falada aventura amorosa. Escolhas e opções, verdades, valores.

Vejo claramente, que não há a tão alarmada neutralidade científica. Observo que meu olhar, meu ouvir (OLIVEIRA, 2013) estão sim comprometidos pelos valores que assimilei ao longo de minha vida. E isso cria um estado de alerta para o meu processo de escrita: o que escreverei estará isento do que ouvi, vi e vivi? Como me instalar nesse lugar de pesquisador? Como lutar contra a vontade de um lugar de verdade? Como inserir a escritora de memórias numa perspectiva Pós-Crítica?

Sócrates afirmava que só sabia nada saber. Sinto hoje que tal frase não se faz apenas retórica. Vejo-me mulher sem entender quem é a mulher ou o que é a mulher?

⁴ ENTREVISTAS. Sem Censura. Rio de Janeiro: TV Brasil, entrevistas diversas concedidas durante a década de 1990.

Se o que concebemos como mulher, sua imagem e representação cristalizada, é em grande parte, fruto do conceito de feminino, conceito este traçado pela sociedade patriarcalista-cristã, a mulher é uma invenção? Ou a mulher, por surgir no contexto social a partir de um conceito (de feminino) inventado, vive no âmbito da invenção/imaginação, e, portanto, pode inventar-se e reinventar-se, camaleonicamente, aos nossos olhos? Quem é Zélia Gattai?

Criada e educada num ambiente de mundo sem fronteiras, jamais fiz distinção de raças ou de cor; aprendi a julgar os homens por seus méritos, meus mestres, dona Angelina e seu Ernesto, não puderam dar aos filhos escolas superiores, nem diplomas de faculdade, mas, em compensação, lhes deram o interesse pela cultura, pelas questões sociais, o amor à paz, à justiça, à humanidade, buscaram abrir-lhes os olhos e os espírito para os problemas da vida (GATTAI, 1993, p. 15).

Filha de anarquistas, menina criada na São Paulo do início do século XX, de pouco estudo⁵, militante política, mulher separada, mulher que “abandona” filho para “fugir” com um escritor comunista, uma quase mãe solteira, dona de casa, uma exilada política, a filha de D. Angelina e de seu Ernesto... Um sujeito, muitas mulheres, inúmeras histórias. Todas elas contidas no semblante pacato e sereno de uma dona de casa moradora do bairro do Rio Vermelho em Salvador, todas elas resumidas (mas não mortas, pois todas vivem em suas lembranças, em suas memórias, em sua escrita) na criação de uma não tão simplória e nem um pouco ingênua, alcunha de “mulher de Jorge Amado”.

Em minhas leituras e escritas, busco ativar o lugar de voz do sujeito feminino que emerge nas narrativas, mesmo diante de um discurso que a reduz “a mulher de”, a “dona de casa”. Não percebemos em Zélia passividade e comodismo. Ao longo das leituras, percebe-se a construção de um sujeito feminino inquieto e inquietante. Entrevemos uma mulher em ação. Zélia pratica as ações de sua vida: escolhe, sofre, refuta, ama, luta... vive.

Todavia não temos um sujeito perfeito: perfeita mãe, mulher, dona de casa, esposa. Temos diante de nós uma mulher com desejos, medos, vontades e principalmente, defeitos. A narrativa traçada em suas memórias apresenta-nos personagens múltiplas para um mesmo sujeito e ao fim dessa leitura, não sabemos ao certo, quem é o sujeito Zélia. Assim como em qualquer outra situação de análise da identidade humana, não sabemos, cartesianamente, quem é Zélia.

E com isso, vemos claramente que:

⁵ Vale ressaltar, que mesmo não prosseguindo com seus estudos formais, sua formação foi “compensada” pelos estudos autodidatas, por suas leituras fortemente influenciadas pela formação política que recebeu de seus pais, pelo convívio e diálogos travados com inúmeros intelectuais ao longo de sua vida. Com isso, temos sim em Zélia uma mulher de pouco estudo formal, mas não uma mulher sem instrução ou afastada de uma vontade de ver e de pensar o mundo com criticidade.

[...] não se pode pensar (mesmo no texto tradicional de memória) na existência de um sujeito pleno, onipotente, onisciente, sem lacunas e sem brechas, porque mesmo esse sujeito que pretende tudo saber e tudo controlar muitas vezes se depara com um texto que escapa ao seu controle e com “verdades” sobre as quais ele não sabe tanto assim (BRANCO, 1991, 38).

E assim, o sujeito segue como um enigma cativante a quem não se propõe decifrar, mas talvez, traduzir, desenrolar, como se desenrolam as narrativas. Além disso, não podemos querer para Zélia Gattai uma definição fixa e presa. Não podemos pensar sua escrita, sua identidade sob uma ótica que a aprisione.

Zélia é uma mulher livre. Educada dentro de princípios anarquistas e de livres-pensadores e busca para si a liberdade. Não se prende ao convencionalismo, às práticas sociais, muito menos almeja enquadrar-se em modelos. Busca viver livremente, sem amarras.

Talvez por isso não vejamos Zélia presa. Aprisionada a valores, modelos e até mesmo a uma casa, a um endereço fixo. Notamos uma mulher em constante mudança, despedindo-se de pessoas, de identidades, de casas por onde passou, desde sua infância. Sua narrativa é uma longa viagem: da infância à fase adulta, da Itália ao Brasil, de São Paulo para o Rio de Janeiro, daí para o mundo.

Para Gomes (2011), a viagem pode ser vista “como significado de movimento e ruptura com a tradição patriarcal. A viagem é um deslocamento entre lugares que se referem quase sempre a espaços, mas existe também a perspectiva do tempo nas viagens psicológicas” (2011, p. 102). E ambas fazem-se visíveis nas memórias estudadas. A autora leva-nos em suas viagens ao redor do mundo e às suas “viagens” pessoais através de seus medos, anseios. Em suas narrativas há um sujeito nômade que traz dentro de si uma inquietação diante do novo:

Pedi a Lalu que não fosse ao embarque mas ela insistiu, iria de qualquer jeito. [...] Demoramos as duas em silêncio, em meio à balbúrdia dos passageiros que embarcavam entre recomendações e adeuses ruidosos. Apressado como sempre e acabrunhado com a tristeza da despedida, seu João consultou mais uma vez o relógio, e, tomando do neto para beijá-lo disse:

- Está na hora de embarcar, minha filha. Deus te leva, cuide de meu filho.

[...]

No tombadilho do navio, enquanto João Jorge em meus braços insistia em puxar o turbante, [...] eu olhava os dois velhos lá em baixo [...].

Eu não sabia se estava chorando de tristeza ao me separar de minha gente – meu filho, minha mãe, meus irmão e irmãs, Lalu e o Coronel –, ou de alegria ao partir para o encontro de Jorge para enfrentarmos juntos a vida no estrangeiro (GATTAI, 1993, p. 250-251).

Assim como me lanço corajosamente no abismo ao iniciar essa pesquisa, a autora que pretendo estudar também se lança na vida. Sem muito compromisso com a racionalidade, com a certeza, mas em parceria com o desejo, com a vontade do novo, com o viver/escrever.

Sua produção literária não tem um dever/obrigação com o mercado editorial, com a criação um público leitor/consumidor, mas sim, com os pequenos gestos de gentileza do seu cotidiano. Por isso, escreve motivada pela curiosidade dos filhos, escreve como forma de presentear, de lembrar fatos, pessoas, lugares. Quem sabe esteja aí, nesse não compromisso com a escrita enquanto arte acadêmica, a beleza das suas obras, sua forma de cativar um público leitor.

Como já dito, o encanto de sua narrativa reside no cotidiano simples. E os leitores, e também ouvintes, de suas histórias encantam-se com sua simplicidade, estendendo-se a tal ponto que chega a causar espanto na própria autora:

A publicação desse livro deu-me muitas alegrias, pois interessou a inúmeras pessoas no Brasil e no estrangeiro. A crítica foi generosa tanto aqui como em Portugal; recebi centenas de cartas que me comoveram, reencontrei amigos de infância, ganhei amigos novos (GATTAI, 1993, p. 9).

E assim, o caderno-goiabada sai da gaveta. E com sua saída, a mulher/escritora revela-se. Fala e rememora o que achou de suas experiências, encontros, desencontros. Diz do que quis e não quis para si, para seu destino.

Neste ponto, retomo o andamento de minha pesquisa. Diante das leituras feitas até o presente momento e das reflexões que delas surgem, já foi possível a construção de um esboço de sumário, já apresentado ao meu orientador. Fora introdução e conclusão, teríamos quatro capítulos. No primeiro, intitulado “Figurações do Estado de Exceção em Zélia Gattai: Memórias de uma testemunha anarquista-libertária”, a intenção é desenvolver a noção de testemunho de Agamben aliado ao estudo de memórias, trazendo dados sobre a biografia da escritora, sua militância política, dentre outros aspectos.

No capítulo 2, “Zélia, D. Angelina e Lalu: mulheres, subjetividades e suas múltiplas escritas do feminino”, pretendo escrever, aliando a uma revisão sobre a teoria feminista, sobre a questão da educação destinada às mulheres no início do século XX, bem como, discorrer sobre as possibilidades do ser mulher presentes em Gattai. No terceiro capítulo “Por uma fuga da gaveta: reflexões sobre a escrita feminina de memórias”, intenciono problematizar a noção de escrita feminina, trazendo um referencial teórico. Tentaria fazer um questionamento sobre o lugar de fala das escritoras, situando Zélia Gattai. Proponho-me pensar a obra de Gattai não somente como um caderno-goiabada, mas como um livro que conseguiu sair da gaveta.

Por fim, no quarto capítulo, “A escrita autobiográfica como escrita/invenção de si: a vontade de liberdade no lembrar de Gattai”, intenciono trazer uma problematização sobre a noção de autobiografia como escrita/invenção de si. Gattai vai além da biografia de si. Vejo uma mulher que

surge em sua escrita, como personagem, como uma (re)invenção de si, de suas memórias. Ainda estou fazendo um levantamento neste aspecto, mas vejo um caminho sendo trilhado neste sentido.

São essas e inúmeras outras questões que terei pela frente. Desafios, estudos, reflexões. E nesse ponto, retomo a fala de Guacira Lopes Louro acerca da epistemologia da pesquisa feminista. Ao lembrar que minha pesquisa está “comprometida”, que traz à tona a mulher como objeto de estudo e como “grupos submetidos” ao poder patriarcalista,

[...] reconheço-me nesta identidade — assim como o fazem inúmeras outras mulheres (e homens feministas). Aceitar ou reivindicar tal qualificação supõe um processo que passa, certamente, por uma aceitação anterior: a de que nenhuma pesquisa, ou melhor, nenhuma ciência é desinteressada ou neutra. A pesquisa feminista é, então assumidamente, uma pesquisa interessada e comprometida, ela fala a partir de um dado lugar (LOURO, 2003, p. 143).

E foi desse lugar de fala, comprometido, situado e não (tão) isento de valores, que pretendi esboçar minhas ideias. Busquei ao longo deste trabalho, problematizar meu objeto de pesquisa tentando não esquecer o meu papel de pesquisadora, notar esse outro/mulher do lugar do meu/eu mulher.

Ao mesmo tempo, quis demonstrar minhas primeiras impressões sobre a escrita feminina, mais especificamente, a escrita de memórias, como lugar de fala de um sujeito que se faz ativo. Tentei ir além da reprodução de uma crítica que faz da obra de Gattai, e da escrita de memórias de maneira geral, um mero passatempo. Uma crítica que do alto de um pedestal falocêntrico e patriarcalista, caracteriza a escrita de memórias como sem importância.

E se querer é poder, quero ativar a potência dos sujeitos subalternos femininos perdidos em seus cotidianos domésticos, entre fraldas e panelas, suspiros e desejos calados. Quero que minha pesquisa ultrapasse os limites do campus, do cânone, que invada esses lares e mostrem a esses sujeitos, perdidos e pendidos sob a alcunha de donas de casa, que há possibilidade de potência sim para o sujeito feminino dentro dos limites do lar. Limites a serem ultrapassados, quebrados, mas que caso desejem essas mulheres, que no fim da tarde, retornem aos seus lares, ao convívio dos maridos, filhos, fraldas e panelas.

E nesse querer, minha pesquisa/embrião ainda caminha em círculos delirantes. Minhas anotações pulsam um querer ainda dominado pela voracidade de conhecer e desvendar o sujeito feminino. Sinto a necessidade de controle dessa vontade, de transformar essa pulsão em um discurso e em uma pesquisa acadêmica que dêem conta do que me propus fazer. Creio estar no caminho certo, mesmo não o sabendo.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. *O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha – Homo sacer III*. São Paulo: Boitempo, 2008.
- AMADO, Jorge. O livro de Zélia. In: GATTAI, Zélia. *Anarquistas, graças a Deus*. São Paulo: Cia das Letras, 2009, p. 10.
- BRANCO, Lúcia Castello. *O que é escrita feminina*. São Paulo: Brasiliense, 1991. (Coleção Primeiros Passos).
- FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: *O que é um autor?* Lisboa: Passagens. 1992. p. 129-160.
- GATTAI, Zélia. *Anarquistas, graças a Deus*. São Paulo: Cia das Letras, 2009.
- GATTAI, Zélia. *Um chapéu para a viagem*. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 1993.
- GATTAI, Zélia. *Jardim de Inverno*. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 1989.
- GATTAI, Zélia. *Senhora dona do baile*. São Paulo: Círculo do Livro, 1984.
- GOMES, Carlos Magno. Deslocamentos da escritora brasileira. In: ZOLIN, Lúcia Osana, GOMES, Carlos Magno (Org.). *Deslocamentos da escritora brasileira*. Maringá: Eduem, 2011. p. 102.
- GUATARRI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: Cartografias do Desejo*. Petrópolis: 1996.
- LOURO, Guacira Lopes Louro. *Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

